



A nova aplicação do JTM já está disponível para iPhone

Faça o download da nova aplicação do Jornal Tribuna de Macau através da app store e veja as notícias do seu jornal favorito onde quer que esteja. Com a aplicação do Jornal Tribuna de Macau poderá estar sempre a par das notícias locais, gente gira, opinião, desporto, entre outras.



Jornal Tribuna de Macau, ao seu serviço desde 1982

www.jtm.com.mo



PUB CINEMA CHINÊS E LUSÓFONO EM DESTAQUE EM LISBOA SÃO JORGE E NA CINEMATECA

Macau é “incontornável” em festival de cinema

Os trabalhos de alguns autores residentes em Macau, assim como de outros relacionados com o território, vão poder ser vistos, em breve, em Portugal, Cabo Verde e Brasil, inseridos no âmbito de um festival de cinema que agora nasce. O estreitamento de relações em Portugal e a China é um dos motes da organização

Helder Almeida
Correspondente em Lisboa

O Cinema São Jorge e a Cinemateca, em Lisboa, vão receber entre 23 e 29 de Junho a primeira edição do festival internacional de cinema chinês e lusófono (FICH) que vai contar com uma secção especialmente dedicada a Macau.

Segundo explicou ao JTM o realizador e produtor Rui Filipe Torres, que está na organização do festival, neste momento a programação ainda está a ser trabalhada mas já é certo que vão ser incluídos filmes de Joaquim Magalhães de Castro, Ivo Ferreira, Fernando Eloy, Thomas Lim, Rui Brás, José Maças de Carvalho (dois autores que passaram por Macau), e do próprio Rui Filipe Torres, entre outros realizadores/autores.

Está prevista também uma programação de videoarte com curadoria de José Drummond e uma retrospectiva, a acontecer na Cinemateca, de Zhang Yimou (autor, por exemplo, de “House of Flying Daggers”, “Hero” ou “The Flowers of War”), assim como a passagem de filmes de outros “cineastas da 5ª geração”, como Huang Jianxin, Wu Ziniu, Ning Ying, Li Shaohong.

Em relação a Macau, o realizador e produtor sublinha que a presença de autores do território “é incontornável”. “No desenho da programação é dado destaque aos filmes, que pela sua construção narrativa, ou experimentação estética, dão visibilidade a este encontro de pessoas e culturas”, refere. “É uma programação indicativa, que está longe de esgotar o que em cinema está a ser feito nestas matérias. Um conjunto de filmes documentário e de ficção, produzidos na última década, curtas e longas, que nos mostram que o nosso olhar só é feliz quando se encontra no olhar do outro”, diz ainda.

Extensão a Macau?

A organização está também a encetar contactos com a Casa de Portugal para haver “acesso a um conjunto de trabalhos documentais, que ali foram produzidos e que mostram a contribuição de vastos aspectos da cultura portuguesa na vida da cidade”.

E a pensar tanto nesta edição como nas futuras, há o desejo de uma parceria com o Instituto Cultural e de uma extensão de alguns dos filmes programados no Festival das Artes de Macau. Para já, estão acertadas extensões a Coimbra e Évora, assim como cidades de Cabo Verde e Brasil.

A organização do FICH assume como objectivos primordiais dar a conhecer ao público português e lusófono o cinema chinês, assim como aproximar as cinematografias destes vários países, com enfoque em objectos fílmicos que trabalhem a realidade chinesa e esta no espaço da lusofonia. Segundo, os organizadores ambicionam inscrever na agenda cultural anual de Lisboa um festival de cinema chinês.

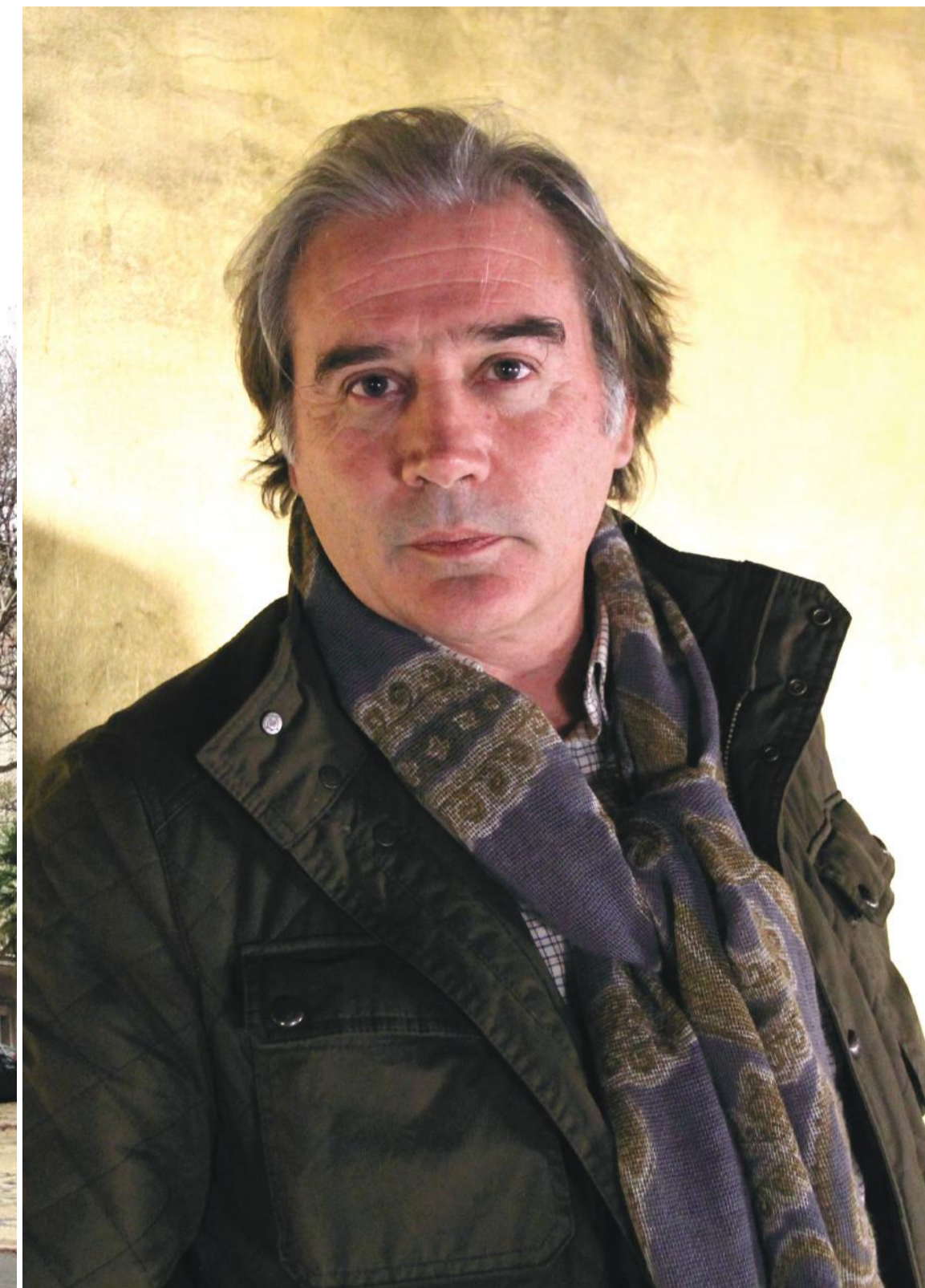
O FICH vai estar organizado em três categorias/géneros: longas metragens de ficção; curtas metragens de ficção e documentários. Por sua vez, os filmes destas três categorias estarão organizados em outras três secções.

Na primeira, questiona-se “quantas Chinas há na China? Será dada particular atenção ao cinema documental que tem vindo a ser produzido com aproximações à antropologia cultural, bem como ao cinema de ficção, que nos seus temas retrata conflitos do quotidiano com origem em interações sociais e individuais de culturas diferenciadas”, lê-se no documento que apresenta o festival.

Na secção dois surge Macau, “a cidade onde Portugal e China coabitam”. Aqui será dado particular enfoque ao cinema documental e de ficção, que tem vindo a ser produzido sobre e na própria



Festival vai passar por Lisboa entre 23 e 29 de Junho



Rui Filipe Torres deseja que o FICH possa contribuir para a sinologia

cidade, bem como na especificidade da RAEM enquanto território ponto de encontro do Ocidente com Oriente e, em particular, entre a China e os Países Lusófonos.

Na secção três, será destacada a indústria cinematográfica contemporânea na China, que se encontra num processo acelerado de mudança. “O cinema produzido na China tem passado por diferentes fases que, grosso modo, podem ser diferenciadas entre uma produção fortemente institucional e um cinema independente, de autor, aberto a questões formais e narrativas que se inscrevem directamente nas dinâmicas sociais contemporâneas. Como é e para onde aponta o novo cinema chinês?”, indaga a organização.

Paralelamente, está prevista a realização de colóquios subordinados aos temas das secções.

Orçamento é dificuldade

A ideia deste festival nasceu com Rui Filipe Torres em 2013. “É neste ano que a minha colabo-

ração enquanto investigador/colaborador com o Instituto do Oriente começa a ser mais sistemática, e foi também neste ano que tive uma maior aproximação ao Observatório da China”.

O estreitamento das relações entre Portugal e a China, nos últimos anos, não é alheio ao lançamento do FICH nesta altura. Mas Rui Filipe Torres aponta que “não resulta tanto de uma visão estratégica mas [é antes] o acompanhamento da mudança do deslocar dos centros de poder económico, financeiro, e também, quer se queira ou não, político, do Ocidente para o Oriente”.

O realizador e produtor argumenta que a especificidade do que acontece na República Popular da China, “e de alguma maneira na Ásia, para ser entendido precisa de olhares com lentes limpas de eurocentrismo e outras visões em que o Ocidente é a única medida padrão”.

“O cinema, e um festival com as características do FICH, em que se assume que não há cinema, há cinemas, e quase citando Sartre, tem como uma

das ideias cabeça a frase ‘sem o teu olhar não me vejo’, pretende trazer para a agenda cinematográfica e para a agenda pública esta nova realidade contemporânea e, de alguma forma contribuir para o desenvolvimento, através do conhecimento, das relações de Portugal com a RP China neste nosso tempo”, completa.

As maiores dificuldades para a concretização de um projecto desta magnitude prendem-se com questões de língua, orçamentais e organizativas. “A organização ‘umbrella’ do FICH é o Observatório da China. E este não tem o entendimento de trabalhar em termos de procura de financiamentos”, pelo que “esta situação cria vários impedimentos”. “Por outro lado, o facto de estarmos a trabalhar sem orçamento, impede de ter um secretariado profissional a tempo inteiro, pelo que se percebe o volume das dificuldades”.

Rui Filipe Torres adianta que para o FICH ter “a dimensão mínima do festival que se propõe ser, terá que ter um orçamento inicial perto dos 40, 50

mil euros”, valor que pode baixar consoante outros apoios que surjam (patrocínios de hotéis ou companhias aéreas, por exemplo). Mas este é um valor mínimo. “O orçamento razoável para um festival como este, que permita trazer convidados, realizadores, produtores, académicos, imprensa, a edição de um bom catálogo e arquivo audiovisual, fazer uma boa campanha de comunicação, e ter um secretariado mínimo a trabalhar para a edição futura, andará facilmente próximo dos 70, 80 mil euros”.

As expectativas são “as de conseguir ultrapassar as dificuldades e vir a fazer o FICH com a relevância que merece”. Existe a ambição de que o FICH contribua para que a aventura que Portugal iniciou a Oriente há 500 anos “tenha continuidade e desenvolvimento neste século, não enquanto territórios do imaginado, mas com conhecimento continuado”. E também que possa ser útil à sinologia em Portugal.

Na direcção do festival estão ainda António Loja Neves, Luís Costa Brás e Rui D’Ávila Lourido.